



Nesta secção dos 30 anos da APM, continuamos a dar voz aos ex-presidentes da direção. Neste número, Arsélio Martins e Elsa Barbosa dão-nos o seu testemunho da forma como “sentiram a APM”, o seu papel como dirigentes de uma grande associação de professores, em períodos difíceis para o movimento associativo e de como vivenciaram e procuraram responder aos desafios e dilemas que enfrentaram, muitos deles oriundos das mudanças de políticas educativas.

Quando...



Estudante ainda, era associativo e, por ser activista do movimento associativo estudantil, fui dirigente eleito da alegal Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, no início da década de 70 do século passado. Ainda antes do 25 de Abril passei a professor do ensino liceal. Por ser professor e, já em liberdade, fui activista sindical e sócio de sindicatos de professores e, por isso, quando foi preciso fui dirigente sindical eleito e eleito fui para o conselho nacional da FENPROF, cumprindo os mandatos.

Por ser professor de Matemática, em 1977 e no Porto, aceitei integrar a direção regional do norte na comissão instaladora da Sociedade Portuguesa de Matemática e, muito mais tarde, em 1990, fui eleito vice-presidente da direcção, tendo cumprido o mandato e coordenado a organização do encontro nacional em Aveiro onde se discutiu a experiência e aplicação dos programas de Matemática e se aprovou uma resolução sobre o assunto, para além de participar no “fórum permanente sobre o ensino” aberto no Boletim da SPM. E conheço professores de Matemática de todos os graus de ensino e de todas as opiniões.

Finalmente, pelas mesmas razões associativas e de profissão, em 1987, me faço sócio da Associação de Professores de Matemática. Os meus primeiros contactos com dirigentes da APM foram realizados como dirigente da SPM, uma tentativa para uma posição conjunta sobre o ensino

não superior e uma representação da SPM num painel sobre programas em discussão num encontro nacional (ProMat de Viana do Castelo? 1989?) onde conheço e convivo com professores empenhados em mudanças curriculares e a trabalhar nelas.

Depois disso, vivi os processos de ajustamentos, revisão curricular participada e concepção de programas, formação e acompanhamentos com muitos professores (activistas e dirigentes na APM também), como parceiros num grande movimento de renovação. Grandes e pequenos encontros da APM foram então os empurros necessários para aferir da compreensão, aceitação ou rejeição, de detalhes das medidas propostas e das orientações gerais.

Alguns professores, sócios da APM, que me conheciam desse envolvimento e movimento, sugeriram e depois propuseram que eu fosse candidato à direcção associativa. Do meu ponto de vista, como associativo, fui eleito Presidente da Direcção da Associação de Professores de Matemática em Elvas, para um mandato de dois anos, de Setembro de 2008 a Setembro de 2010.

Os que me propuseram e os que me elegeram sabiam bem que eu não tinha qualquer conhecimento de detalhe da sua estrutura e administração.

Pelos Estatutos, que em cada acto eleitoral não previam renovação da totalidade dos dirigentes, eu estava em parte protegido de problemas de administração. Mas consciente da possível perplexidade ou preocupação com a eleição de um sócio (sim, desde 87, então há mais de 20 anos) que não conheciam do activismo interno e muitos naturalmente com posições diferentes das minhas. Para mim, divergências não prejudicam e antes beneficiam o movimento associativo, interna e externamente.

De 2008 a 2010, os professores e o seu movimento associativo estavam já a ser castigados; o sistema degradava a animação dos professores no país e nas escolas, dando início a cortes nos planos de acção e de formação dos professores, reduzindo as vendas de materiais de interesse pedagógico e educativo e tolhendo, por falta de financiamento, a formação independente dos professores que

as associações asseguravam. Uma parte da acção directiva foi ocupada a manter a actividade imprescindível ao funcionamento e manutenção dos postos de trabalho, acrescentada por reduzir ao mínimo as despesas de direcção. Para ter uma frente unida, procurámos reforçar as relações dentro do SIAP com as associações de professores, ao mesmo tempo que procurámos regular as relações com a Ciência Viva, SPM e Ludus, em particular no que respeita aos Campeonatos de Jogos. Também mantivemos e apoiamos representações independentes e autónomas, consultivas junto das diversas organizações na esfera do governo, a começar pelo GAVE. Foi acrescentada alguma concertação com a SPM, as faculdades e departamentos de Matemática, o que permitiu a participação da APM, na altura como observadora, em reunião do grupo português da União Internacional de Matemática.

Os núcleos locais e os grupos de trabalho associativos activos mantiveram a sua actividade regular e a direcção reuniu com diversos núcleos e estudou as situações que mereceram atenção especial. Os encontros locais, da matemática dos primeiros anos e os ProfMat2009 de Viana do Castelo e ProfMat2010 de Aveiro mantiveram uma dimensão que cria o clima especial de vida associativa dos professores de Matemática. A “Educação & Matemática” e a “Quadrante” continuaram a ser feitas pelos grupos respectivos e merecer a nossa admiração por isso. E há uma lista imensa de desejados não feitos ao lado da lista de outros

que mal se mantiveram de pé, sem vergar e na esperança de vencer a crise.

Finalmente, resta-me referir um facto que a muita gente passou despercebido: uma das posições ou pareceres da Associação de Professores de Matemática em resposta a um pedido do governo foi composta não só por uma posição da direcção, mas por várias posições diferentes que sectores da APM exprimiram e que, por não serem disparatadas, abrem espaço a melhores decisões e representam o que sempre pensei possível e desejável no movimento associativo. Voltando a fazer o que experimentara com felicidade no movimento associativo estudantil, voltei a ver felicidade feita de coisas simples e, quem mais, além de uma associação como a APM, pode dar-se ao luxo de admitir um complexo de ideias simples?

Os educadores e professores são muito especiais e a APM permitiu que eu tenha confirmado isso mesmo, pela construção de compromissos que só podem ser obtidos por pessoas excepcionalmente livres e responsáveis de que divergimos radicalmente em alguns aspectos sem que isso as cegue ao ponto de não darmos por convergências radicais no que sobra e que é, muitas vezes, o mais importante. Quando nos sabemos nesta paz negociada ou batalhada o mandato chega ao seu termo. Assim foi.

ARSÉLIO MARTINS

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA APM EM 2008/2010

30 anos, e agora?



Presidente?! Quando me perguntaram o que eu achava da ideia, confesso que fiquei muito surpreendida e um pouco aflita, era um cargo de muita responsabilidade. Tinha a plena convicção de que seria um grande desafio... estaria à al-

tura? Conseguir um grupo de amigas, da minha total confiança, que partilhavam dos mesmos ideais e que vinham da mesma “escola” fez-me avançar!

Enquanto presidente senti o peso da idade, não pela idade em si, mas porque pertencia, tal como todos os elementos da direção que me acompanharam, a uma geração que não esteve na génese, nem próximo, da associação. Por um lado era como se nos faltasse alguma história, por outro tínhamos uma nova forma de estar e até de ver a associação. E apesar de sermos muito diferentes, revíamo-nos uns nos outros, queríamos uma APM com um espírito renovado, voltada para o futuro, com uma linguagem mais atual, que conseguisse captar novos sócios, novas ideias, mas sem perder de vista os fundamentos que nos têm regido.

Foram anos difíceis, a APM tinha entrado numa crise financeira sem precedentes, a crise instalada no país, a imagem dos professores que vinha a ser denegrida, a carreira congelada, levou a um grande mal-estar nos professores e consequentemente a um desinvestimento na carreira. O contexto social e profissional levou a um agravamento na diminuição do número de sócios, já tendência nos últimos anos. Na realidade além do já anteriormente referido, a concorrência era muita, a APM já não era a única organização em Portugal a editar publicações no âmbito da educação matemática, a organizar encontros de professores e investigadores, a disponibilizar materiais educativos para utilização dos professores, entre outros. Além disso, o desânimo dos professores de matemática era enorme, a mudança política ocorrida trouxe medidas desastrosas para a Educação no geral, mas extremamente gravosas para a Educação Matemática. Não obstante, muito trabalho foi feito, enquanto direção fomos obrigados a tomar algumas decisões pouco consensuais mas, na nossa opinião, relevantes para a continuidade da APM, como a revitalização do Centro de Formação, a captação de novos patrocinadores, com a formação de um novo grupo de trabalho *Casio+*. Conseguimos ainda estreitar a comunicação com os sócios e também com a população em geral, ao fazer-se uma maior divulgação da associação, dando voz às nossas opiniões e inquietações em diferentes órgãos de comunicação social. Os quais solicitaram frequentemente a opinião da Direção sobre questões relacionadas com a Educação Matemática que foram esclarecidas de modo a elucidar o público em geral. Desenvolveram-se também várias parcerias no âmbito da promoção de atividades de carácter científico, pedagógico e cultural. Revitalizámos alguns núcleos regionais, estruturas que considero fundamentais para o desenvolvimento e expansão da APM. Os núcleos têm um papel de proximidade, que pode facilitar a comunicação entre os professores e a APM e vice-versa, conseguindo-se assim apoiar um

maior número de professores de matemática na sua prática letiva, oferecendo-lhes um maior número de oportunidades de estimular o seu desenvolvimento profissional. Os núcleos tornam assim possível um dos objetivos da associação, tornar-se mais próxima dos professores, o que em última instância poderá permitir a recuperação de antigos e/ou a captação de novos sócios.

E agora?! A APM já chegou à idade adulta, 30 anos, mas ainda mantém algumas inseguranças da juventude. Atualmente atravessa um período de grande fragilidade, o que na minha opinião não só é normal como, se bem utilizado, pode ser até positivo. Somos uma associação com professores de todos os níveis de ensino, do pré-escolar ao Ensino Superior, com faixas etárias e vivências muito distintas, de norte a sul do país, o que é excelente e muito nos orgulha, mas também nos traz algumas dificuldades. Como a Rita Bastos refere na revista nº 137, “Existem dentro da APM posições individuais de todos os tipos.” E o difícil é conviver com “essa pluralidade de posições” e ao mesmo tempo definir o rumo que a associação pretende seguir. Qual é o seu caminho futuro? Onde se deve posicionar nas grandes questões sobre educação? Qual o papel que a APM deve desempenhar futuramente? Além das reflexões de fundo é ainda essencial continuar o trabalho diário, perspetivando novas formas de organização, novos projetos a desenvolver, novas ideias.

Tenho a mais plena convicção que a APM se saberá (re) encontrar enquanto associação, (re)definindo o seu papel na sociedade atual, indo de encontro aos novos professores e pensando numa nova Escola.

Apesar das diferenças, estamos (todos os sócios) de parabéns, Parabéns APM!

ELSA BARBOSA

PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA APM EM 2010/2012